

IN ALTVM

REVISTA DE FILOSOFIA E TEOLOGIA DA FATEO

ARTIGO

A ética personalista e conjugal na obra “Amor e Responsabilidade” de Karol Wojtyła

Personalist and conjugal ethics in Karol Wojtyła’s “Love and Responsibility”

Jerônimo Laurício de Souza Oliveira¹

jeronimolauricio@gmail.com

Tiago Veronesi Giacone²

tiagogiacone@gmail.com

Resumo: Após 10 anos de experiência com a preparação de casais para o matrimônio, o então bispo Karol Wojtyła, cuja formação estava embasada no personalismo, na fenomenologia e na teologia de caráter tomista, havia concebido a ideia de elaborar uma obra que defendesse os ensinamentos da Igreja Católica sobre o amor conjugal a partir do ponto de vista ético e antropológico. Assim, precisamente dois anos após a sagração episcopal do jovem padre Wojtyła, estava sendo publicado, em 1960, o livro “Amor e Responsabilidade”. Nesse sentido, o presente artigo tem por objetivo analisar a importância da construção de uma visão sobre o homem e a mulher a partir da ética personalista (em contraposição a uma ética de

¹ PUC-Rio. Rua Marquês de São Vicente, 225, Gávea - Rio de Janeiro, RJ - Brasil | Cep: 22451-900 - Cx. Postal: 38097.

² Facoltà di Teologia di Lugano - Via Buffi 13 Casella Postale 19 6962 Lugano – Viganello.

princípio utilitarista) para a reta compreensão do amor humano e das relações interpessoais na abordagem de Wojtyła.

Palavras-chave: João Paulo II; Teologia do Corpo; Amor e Responsabilidade; Ética Personalista; Antropologia.

Abstract: After 10 years of experience with preparing couples for marriage, the then bishop Karol Wojtyła, whose studies were based on personalism, phenomenology and Thomistic theology, had conceived the idea of creating a book that defended the teachings of the Church Catholic on conjugal love from an ethical and anthropological point of view. Thus, precisely two years after the episcopal consecration of the young Father Wojtyła, the book “Love and Responsibility” was being published in 1960. In this sense, the present article aims to analyze the importance of constructing a vision about men and women based on personalist ethics (as opposed to an ethics based on utilitarian principles) for a correct understanding of the human love and interpersonal relationships in Wojtyła's approach.

Keywords: John Paul II; Theology of the Body; Love and Responsibility; Personalistic Ethics; Anthropology.

INTRODUÇÃO

A publicação do livro “Amor e Responsabilidade” está precedida e acompanhada por uma intensa atividade pastoral, literária e teológica de Wojtyła, que se soma à ética filosófica de caráter personalista. Karol Wojtyła, enquanto sacerdote e depois como bispo, dedicou-se especialmente à preparação dos jovens ao matrimônio. Sua presença nos ambientes universitários se dinamizou a partir dessas experiências pastorais, e é sobre essa perspectiva que se pode compreender toda sua atividade intelectual – particularmente a obra “Amor e Responsabilidade”, que é fruto de muitos anos de amizade e partilhas com jovens casais e universitários que lhe tinham confiado os segredos dos seus corações. Era resultado do seu

encontro com os jovens e do seu trabalho pastoral, como mais tarde o papa João Paulo II sinalizou no livro-entrevista a Messori:

[...] Aqueles jovens com suas dúvidas e com suas perguntas, em um certo sentido, indicaram o caminho também para mim. Pelos nossos contatos, pela participação nos problemas de sua vida, nasceu um estudo cujo conteúdo sintetizei no título “Amor e Responsabilidade”. (...) Portanto, a genealogia dos meus estudos centrados no homem, na pessoa, é antes de tudo pastoral” (Messori, 1994, p. 186).

Ou seja, “Amor e responsabilidade” surgiu da necessidade pastoral de orientar os jovens que se preparavam para o matrimônio, bem como os recém-casados. Embora fosse professor universitário da cátedra de ética em Lublin, Polônia, Wojtyla nunca foi um mero acadêmico: alternava atividade pastoral com ensino e investigação.

Olhando para o horizonte histórico do jovem bispo Wojtyla, identifica-se que o “comunismo tinha introduzido uma visão da moral sexual e da família que se afastava do catolicismo” (Ricardi, 2011, p. 110). Vale ressaltar que “Amor e Responsabilidade” foi escrito antes da chamada “Revolução Sexual” de maio de 1968. Nesta obra, ele procurou abordar o tema do amor como ponto de partida para analisar a complexa dinâmica das relações humanas.

1. TRÊS AÇÕES DE DESPERSONALIZAÇÃO DO AMOR: O UTILITARISMO, O SUBJETIVISMO E O EGOÍSMO

A ética personalista wojtyliana compreende que “o amor é a realização mais completa das possibilidades do homem. É a máxima atualização da potencialidade intrínseca da pessoa. Esta encontra no amor a maior

plenitude do seu ser, da sua existência objetiva” (Wojtyla, 2016, p. 76). Contudo, na visão do autor, ao menos três atitudes podem inevitavelmente despersonalizar o amor. Elas estão intrinsecamente ligadas umas às outras, chegando quase a sutilmente se confundirem. Por isso, para fins de compreensão, faremos uma breve análise de cada uma delas separadamente, a partir dos pressupostos metodológicos de Wojtyla.

1.1 O PRINCÍPIO UTILITARISTA

A primeira análise é sobre o utilitarismo³, corrente filosófica que identifica o bem maior do ser humano com o prazer, de forma que até mesmo o ser humano possa ser um instrumento para o alcance de tal fim. O utilitarismo, segundo Wojtyla, manifesta-se como “característica do modo de pensar e viver do homem contemporâneo e de suas ações perante a vida e concebe tudo como meio” (Wojtyla, 2016, p. 29). Com esse agir, o valor da pessoa é compreendido a partir do valor da sua função ou utilidade, que pode ser ou não hedonista. Ou seja, a pessoa deixa de ser o sujeito e o fim último ontológico da ação e é rebaixada à condição de objeto, no nível ontológico de meio e instrumento, a fim de satisfazer o egoísmo explorador do prazer alheio. O outro passa a ser desrespeitado e violentado em sua natureza pessoal. Com essa atitude, esquece-se que a força moral do verdadeiro amor conduz ao desejo do verdadeiro bem para a outra pessoa e não se servir dela como um bem útil para si.

³ “O seu nome provém do verbo latino *uti* (“utilizar”, “tirar proveito de”) e do adjetivo *utilis* (útil). Conforme a sua etimologia, o utilitarismo coloca o acento na utilidade da ação. Ora, tudo o que dá prazer e exclui o sofrimento é útil, porque o prazer é o fato essencial da felicidade humana. Analisando o utilitarismo verificamos que, partindo da norma que ele admite, nunca chegaremos ao amor. O princípio do prazer se atravessaria sempre no nosso caminho para o amor, e isso pelo fato de tratarmos a pessoa como um meio para atingir o fim, neste caso o prazer, o máximo prazer” (Wojtyla, 2016, p. 29 e 34).

Todavia, uma vez que as pessoas não foram criadas para serem usadas e descartadas, tal atitude frente ao outro compromete a moralidade da relação com essa pessoa, dado que não a contempla em sua totalidade unificada, como sempre se referia Wojtyła:

Para um utilitarista, é só o prazer como tal que conta, porque o seu modo de considerar o outro não lhe permite descobrir nele a sua evidente complexidade: a matéria e o espírito, dois elementos constitutivos de um só ser-pessoa, que deve toda a sua especificidade à sua alma espiritual (Wojtyła, 2016, p. 31)

Karol Wojtyła, ao tratar desse tema, assevera que, na esteira da tendência puramente utilitarista e consumista, não apenas as coisas, mas inclusive as pessoas têm sido cada vez mais desejadas conforme suas utilidades. Como resultado disso, a ética utilitarista vai se tornando uma clara ameaça à própria essência do amor, por colocar o prazer como o motor que move a vida humana. Em outras palavras, esse modo de viver utilitarista “está presente inevitavelmente nos diversos setores da vida e das relações humanas, mas é o campo sexual aquele que parece ser particularmente ameaçado” (Wojtyła, 2016, p. 31), inclusive no que se refere especificamente ao ato conjugal em si. Sobre isso, acrescenta Wojtyła:

Definimos o amor como uma tendência para o verdadeiro bem de outra pessoa, e por conseguinte, como uma antítese do egoísmo. Como no matrimônio, o homem e a mulher se unem também no campo das relações sexuais, é necessário que procurem este bem neste campo. Do ponto de vista da pessoa e do altruísmo, é preciso exigir que no ato sexual o homem não seja o único a atingir o ponto culminante da excitação sexual, e que este se produza com a participação da mulher e não à sua custa (Wojtyła, 2016, p. 271).

O justo amor à pessoa exige que se negue sua coisificação e utilização. E a sexualidade, de maneira particular, cria condições para que se trate o ser

humano como objeto de uso. Por isso, a outra razão que faz com que o utilitarismo seja uma ameaça, de forma muito particular, à esfera sexual na vida conjugal, é a tendência ao uso mútuo entre o casal, através de uma combinação de egoísmos disfarçados de amor. Neste sentido, procura-se o máximo de gozo para as pessoas envolvidas, para dessa forma alimentarem cada vez mais o egoísmo compartilhado, que não tem outra intenção senão a conquista do prazer comum.

1.2 O SUBJETIVISMO E O EGOÍSMO

O subjetivismo também tende a despersonalizar o aspecto subjetivo do amor. “Este último faz parte da própria natureza do amor. O subjetivismo, pelo contrário, é uma deformação da essência do amor, uma hipertrofia do elemento subjetivo, que absorve parcial ou totalmente o valor objetivo do amor” (Wojtyla, 2016, p. 146). E outro grande perigo, de acordo com Wojtyla, é o “subjetivismo dos valores”, que:

Consiste em considerar todos os valores objetivos como elementos que servem unicamente para dar prazer em graus diversos. O prazer chega a ser o único valor e a base de toda apreciação. [...] O prazer torna-se o objetivo, ao passo que todo o resto, a pessoa, o seu corpo, a sua feminilidade ou masculinidade, não são senão um meio. [...] Quando o prazer é o único valor que conta como atitude mútua do homem e da mulher, nunca poderá haver entre eles nem reciprocidade, nem união das pessoas (Wojtyla, 2016, pp. 148-149).

A seguir, ele ainda distingue o que chamou de “egoísmo dos sentidos” e “egoísmo dos sentimentos”, ambos tendo como origem os sentimentos. Por um lado, o “egoísmo dos sentidos” está fundamentalmente ligado “ao

sentimento físico, à satisfação da sensualidade” (Wojtyla, 2016, p. 150). Como bem explica Paulo César da Silva, trata-se, portanto, de uma espécie de “egoísmo sensual, por levar uma pessoa a vivenciar sentimentos eróticos que têm conexão com o corpo e o sexo” (Silva, 2001, p.168). Por outro, o “egoísmo dos sentimentos” está enraizado num sentimento psíquico e afetivo, em “que se transforma muitas vezes numa espécie de jogo (brinca-se com os sentimentos do outro) e pode ser dissimulado sob aparências de amor” (Wojtyla, 2016, p. 150). Este jogo é antes marcado pela “busca do eu, do que pela busca de prazer”. Por isso, essa espécie de egoísmo afetivo, por ser menos definida e muitas vezes confusa, pode envolver mais facilmente a pessoa.

2. A NORMA PERSONALISTA DO AMOR

Se o princípio da norma utilitarista visa a busca do prazer por si mesmo, isto é, ao reconhecimento do prazer como valor superior e base da norma moral, o princípio da norma personalista, em contrapartida, afirma que “a pessoa é um bem em relação ao qual só o amor constitui a atitude plenamente válida” (Wojtyla, 2016, p. 35). Ou seja, a pessoa é o ser que, conforme a própria natureza, tem o amor como referência e medida. Só a pessoa é capaz de partilhar o amor.

É preciso sublinhar aqui que o amor é a realização mais completa das possibilidades do homem. É a máxima atualização da potencialidade intrínseca da pessoa. Esta encontra no amor a maior plenitude do seu ser, da sua existência objetiva. O amor é ato que realiza do modo mais completo a existência da pessoa. É autêntico quando realiza a sua essência, isto é, quando se orienta para um bem autêntico, e de modo conforme à natureza desse bem. É preciso aplicar esta definição também ao amor entre o homem e a mulher. Também neste campo, o verdadeiro amor,

aperfeiçoa o ser da pessoa e amplia a sua existência (Wojtyla, 2016, p. 76).

De fato, só o amor pode relacionar-se adequadamente a uma pessoa e assim cumprir a norma personalista da sua ação. Mais ainda: numa hierarquia axiológica, à luz do mandamento do amor, a norma e a atitude sobre o ser humano não pode ser outra senão a personalista, “aquela em que o valor da pessoa é sempre considerado superior ao valor do prazer” (Wojtyla, 2016, p. 35). E no que se refere ao amor entre o homem e a mulher, por causa da grande facilidade em confundir o campo sexual com o conceito de amor, Karol Wojtyla acrescenta:

(...) se desejamos encontrar soluções cristãs no campo da moral sexual, é na norma personalista que devemos procurá-las. É preciso que elas tenham o seu ponto de apoio no mandamento do amor. Embora a aplicação total do mandamento do amor, no seu significado evangélico, se realize através do amor sobrenatural a Deus e ao próximo, este amor não se realiza em contradição com a norma personalista, e muito menos pode prescindir desta norma (Wojtyla, 2016, p. 37).

Em suma, é o caráter personalista do amor que confere aos cônjuges o mais profundo fundamento e sentido de fidelidade até o fim.

A norma personalista, que está acima da vontade e das decisões das pessoas interessadas, exige que a união conjugal dure até a morte. Qualquer outra concepção põe a pessoa na situação de objeto de prazer, o que equivale à destruição da ordem objetiva do amor, que afirma o valor supra utilitário da pessoa (Wojtyla, 2016, p. 208).

Como se pode verificar, fica cada vez mais claro o quanto a norma personalista está absolutamente no centro da antropologia ética e da pastoral de Karol, como ele mesmo explicou anos depois em seu livro-entrevista, “Cruzando o Limiar da Esperança”:

(...) É precisamente a partir da perspectiva pastoral, como também em “Amor e responsabilidade”, que formulei o conceito de norma personalista. Tal norma é a tentativa de traduzir o mandamento do amor na linguagem da ética filosófica. A pessoa é um ser para a qual a única dimensão adequada é o amor. Nós somos justos no tocante a uma pessoa se a amamos: isto vale tanto para Deus, como também para os seres humanos. O amor por uma pessoa exclui que se possa tratá-la como um objeto de gozo (Messori, 1994, p. 186).

2.1 O AMOR E A RESPONSABILIDADE COMO AFIRMAÇÃO DA PESSOA E DE SEU VALOR

A norma personalista do amor conduz o ser humano, por assim dizer, a três importantes movimentos, conforme o pensamento de Karol Wojtyła: considerar o outro como um valor pelo fato mesmo de ser pessoa; considerar os seus outros valores pessoais; e distinguir a hierarquia desses valores pessoais.

Em outras palavras, enquanto o ser humano é sempre alguém, o mundo à sua volta, por sua vez, constitui sempre algo. A realidade pessoal aparece no cosmo como alguém específico, original, único, irrepetível e insubstituível. Conforme entende nosso autor, justamente por não ser nem uma coisa e nem um animal, a estrutura do seu ser pessoal a diferencia dos outros seres inanimados e viventes. A pessoa humana, na realidade do mundo visível, traz a capacidade de integrar e unir em si mesma a realidade material e espiritual. Essa distinção se deve, sobretudo, à sua potencialidade interior de autoconsciência, autoconhecimento, autodeterminação, autodoação e autotranscedência.

Como se pode verificar, conforme Wojtyła propõe, o ser humano possui uma tão profunda dignidade e perfeição ontológica enquanto pessoa que

somente o amor é capaz de afirmá-lo como tal: “a essência do amor inclui a afirmação do valor da pessoa como tal” (Wojtyla, 2016, p. 36). O amor verdadeiramente é amor se afirmar a pessoa. Sem essa afirmação não é possível perceber a pessoa constituída de uma valoração em si mesma. Neste sentido,

A estrutura da pessoa compreende a sua interioridade, onde descobrimos elementos de vida espiritual, o que nos obriga a reconhecer a natureza espiritual da alma humana e da perfeição própria da pessoa. O seu valor depende desta perfeição. Sendo a perfeição da pessoa de caráter espiritual, sendo a pessoa espírito encarnado e não apenas corpo, por mais magnificamente que este possa estar, não se podem considerar iguais uma pessoa e uma coisa (Wojtyla, 2016, p. 115).

Outro aspecto que conduz o amor à afirmação de uma pessoa enquanto tal é saber que o seu valor está acima de quaisquer outros valores, de modo especial os sexuais, no que toca ao amor conjugal. O valor da pessoa está intimamente ligado à sua inviolabilidade, pelo fato de ser alguém e não alguma coisa como objeto de prazer. Por isso, o valor do seu ser pessoal antecede e supera inclusive o valor do ato conjugal e outros valores relacionados à afetividade e sexualidade.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Num rápido sobrevoo sobre a obra “Amor e Responsabilidade”, já se pode observar que o bispo Wojtyla, dando-se conta da necessidade e do direito que os homens e as mulheres jovens tinham não só de instrução, mas também de afirmação e celebração das suas vocações para o matrimônio, iniciou então um percurso de desenvolvimento e de reapresentação da

moral conjugal da Igreja através de uma obra sobre a ética sexual e conjugal, que teve como objetivo dar resposta às necessidades pastorais da época. Para ele, a ética não pode se limitar a apontar o que é bom para o homem, mas deve indagar sobre as razões pelas quais o homem deve agir bem, levando diretamente à reflexão do dever e da lei moral.

Por isso, a sexualidade é apresentada como um bem que deve ser exercido na liberdade, inserindo a moralidade sexual no contexto de um amor que é uma expressão de responsabilidade, não só pessoal, mas perante um outro ser humano e perante Deus. Neste cenário, como que justificando o título de sua obra, o amor, segundo Karol Wojtyla, implica responsabilidade. O outro é sempre concebido como pessoa. E a pessoa como tal não deve ser considerada objeto de prazer. O amor é, pois, a antítese do prazer. “Há no amor uma responsabilidade”, que nada mais é que uma responsabilidade pela pessoa, pelo seu bem autêntico e seu valor. O amor, que afirma verdadeiramente a pessoa, compromete quem ama, tornando-o responsável pelo ser amado. Como conclui o autor que inspirou este breve ensaio: “Um amor que rejeite esta responsabilidade é a negação de si mesmo. É sempre e inevitavelmente egoísmo. Quanto mais um sujeito se sente responsável pela pessoa, mais presente está nele o verdadeiro amor” (Wojtyla, 2016, p. 124).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MESSORI, V. (1994). Cruzando o Limiar da Esperança. São Paulo, Círculo do Livro.

RICCARDI, A. (2011). João Paulo II: A biografia. Lisboa, Paulinas.

SILVA, P. C. (2001). A ética personalista de Karol Wojtyla. Aparecida, Santuário.

_____. (2015). A antropologia personalista de Karol Wojtyła. Aparecida, Ideias & Letras.

WOJTYLA, K. (2016). Amor e Responsabilidade. São Paulo, Cultor de Livros.